

JOHN DEWEY: DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO

*Eliezer Pedroso da Rocha*¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar que John Dewey, um dos educadores que mais influenciaram o pensamento pedagógico brasileiro, está na origem do que entendemos hoje como pedagogia ativa.

Definindo a educação como um processo de reconstrução contínua da experiência, Dewey procura nos mostrar que não podemos conceber o conhecimento como algo pronto, acabado, definido.

Palavras-chave: Dewey, democracia, educação, experiência.

ABSTRACT

The aim of this article is to show that John Dewey, one of the educators who most influenced Brazilian pedagogical thought, is in the lead of what's known today as the active pedagogy.

Defining education as a process of continuous reconstruction of the experience, Dewey makes an attempt to show us that we can't conceive knowledge as something ready, finished and defined.

Key words: Dewey, democracy, education, experience.

John Dewey nasceu em Burlington, no Vermont, EUA, a 20 de outubro 1859, e faleceu em Nova York, em 2 de junho de 1952.

Em 20 de outubro de 1949, por ocasião do seu nonagésimo aniversário, John Dewey foi considerado o maior americano vivo à época.

Dewey foi um dos maiores defensores da democracia na segunda metade do século XIX e primeira do século XX, afirmando que é possível pensar numa sociedade melhor se esta primar pela democracia a única forma digna de vida humana. E não há como defender a democracia, sem defender a educação.

Como democracia é um dos conceitos centrais, convém mostrar o que Dewey entende com este conceito em relação à educação. Nas palavras do nosso autor, "é indubitável que uma sociedade (...) deve procurar fazer que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos."(DEWEY, 1959, p. 94) Assim, a democracia é "mais do que uma forma de governo; é, primordialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada".(op. cit., p. 93)

Para nosso autor, portanto, uma educação democrática é aquela na qual a igualdade de oportunidades é elemento fundamental. Uma educação sem essa

¹ Eliezer Pedroso da Rocha é Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da USP, professor titular de filosofia no ensino médio, atualmente na Escola Dr. Antenor Soares Gandra, em Jundiáí.

igualdade de oportunidades é baseada em privilégios e, portanto, não-democrática.

Para ele, a educação é um processo de vida, haja vista que esta é uma longa experiência. Também é um processo social, mas que não pode ser uma preparação para a vida que há de vir, pois “a escola deve representar a vida presente, uma vida tão real e vital para a criança como a que vive em sua casa, na vizinhança ou no campo de jogo”(DEWEY, 1940, p. 22). Conceituando educação, ele diz que esta é um “processo de reconstrução, de reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras”(DEWEY, 1959, p. 8).

Em sua definição de educação acima exposta, Dewey afirma ser esta uma reconstrução da experiência. E, se educação é um reconstruir da experiência, o que é experiência?

Para Dewey (1979), experiência é o agir de um corpo sobre outro e receber dele uma reação. Este não é somente um corpo humano, mas de qualquer tipo. Portanto, experiência é um constante ir e vir dos corpos, uns com os outros, numa inter-relação que se estabelece invariavelmente.

Outro elemento fundamental na pedagogia deweyana, é a sua concepção de educação como crescimento. Mas o que seria esse crescimento?

Em Dewey (1959b), crescimento em educação só é possível se houver imaturidade. No entanto, esta imaturidade não é no sentido negativo como se costuma avaliar. Para ele, imaturidade significa abertura para a possibilidade, e não simples carência. Imaturidade aqui tem a ver com capacidade e potencialidade. Acrescentando, ele diz que a imaturidade supõe a dependência e a plasticidade. No entanto, o que significam dependência e plasticidade? Não parecem novamente coisas negativas?

Por dependência, ele entende a capacidade social de um indivíduo, já que a independência pode provocar uma auto-suficiência que pode fazer dele um indivíduo isolado dos demais, e indiferente frente a outros indivíduos. Por outro lado, “sob o ponto de vista social, a dependência denota, portanto, mais uma potencialidade do que uma fraqueza; ela subentende a interdependência.”(op., p. 44)

A plasticidade, por sua vez, deve ser entendida como a capacidade de aprender com a experiência, ou seja, de absorver dos fatos aquilo que é aproveitável, de estar aberto a novas possibilidades.

Se a escola é a instituição pela qual a sociedade transmite a experiência adulta à criança, e esta deve aprender e apreender através de um processo de reconstrução da experiência, faz-se necessário compreender o que significa reconstruir a experiência.

Para ilustrar o que Dewey quer mostrar com o reconstruir da experiência, Anísio Teixeira, na introdução ao *Vida e Educação*, diz que

a árvore que era apenas objeto de minha experiência visual, passa a existir de modo diverso, se entre mim e ela outras experiências se processarem, pelas quais eu a venha conhecer em outros aspectos... Depois dessas experiências, eu e a

árvore somos alguma coisa diferente do que éramos antes. Existimos de modo diverso um para o outro. (DEWEY, 1959c, p. 3)

Ainda no tocante à experiência, Dewey (1979) diz que a criança traz consigo atitudes, motivos e interesses; no entanto, essa experiência é transitória, pois não está completa. Como para o autor a educação é crescimento, a experiência da criança deve ser entendida como tendências para esse crescimento. Daí a importância de o educador ser um observador e saber a diferença entre os interesses que são efêmeros e aqueles que denotam capacidades e potencialidades. Portanto, cabe à escola propiciar um ambiente que possibilite o desenvolvimento dessas capacidades e potencialidades. Assim, o valor da experiência da criança está mais no processo que no resultado.

Em se tratando de interesse, Abbagnano e Visalberghi (1980) mostram que “a doutrina de Dewey do interesse está na base da sua pedagogia”, pois o interesse é o que faz a ligação entre a criança e o que ela vai aprender.

Dewey (1940) diz que porque a criança tem interesses, ela vai se esforçar para conseguir o objeto desse seu interesse, já que estes “são sinais e sintomas da capacidade em crescimento”; são atividades latentes dentro de cada indivíduo, buscando atingir um determinado fim. Daí, como foi dito acima, a importância de o educador ser um observador constante e estar preparado e atento a esta capacidade e potencialidade.

É interessante salientar que o autor coloca no educando a responsabilidade pelo aprendizado, quando diz que o interesse é pessoal e que “o verdadeiro ímpeto para o estudo, para a atividade intelectual, vem de dentro.” (DEWEY, 1959a, p. 259) Neste ponto, vemos claramente que Dewey não aceita a teoria da mente como “tábula rasa” do empirismo inglês de Locke e Hume.

O fundamental no processo de educação, para Dewey, é a relação que se estabelece entre a imaturidade da criança e a experiência amadurecida do adulto. O problema está na interação entre esses dois momentos. Alguns, para tornar mais fácil, os analisam separadamente, ou então tomam um momento qualquer como se fosse o essencial.

É preciso entender que o mundo da criança é marcado pelo contato e interesses pessoais. Seu mundo é uno, integral; é um todo.

Na tentativa de resolver o problema da dissociação entre o mundo da criança e a escola, Dewey (1979) faz uma comparação entre dois modelos de escolas pedagógicas: educação tradicional versus educação nova ou progressiva. Ele mostra que a educação tradicional, por pressupor ser o mundo da criança incerto, vago, deve, através de estudos e lições, substituir a superficialidade desse mundo. O aluno só precisa receber e aceitar tudo o que lhe for exposto, mantendo-se numa atitude de docilidade e submissão.

Por outro lado, a educação nova ou progressiva centra todo o processo educativo na criança; tudo deve ser subordinado ao crescimento desta, que vai determinar a quantidade e a qualidade do que deve ser ensinado e, conseqüentemente, aprendi-

do. Como conciliação destas duas escolas, Dewey propõe o que ele chama de reconstrução da experiência. É aqui que se fundamenta o seu conceito de educação.

Para ele, as matérias e disciplinas são todas experiências. Diz que a criança tem uma experiência infantil que deve passar por um processo contínuo de reconstrução. A criança deve assimilar a experiência da humanidade, e reconstruí-la à luz de sua própria experiência, que ainda é imperfeita, transitória, passageira. “Na verdade, o que a criança aprende e o que realiza é algo fluente e em movimento. Muda todo dia e toda hora” (DEWEY, 1934, p. 51). Neste sentido, ele faz um alerta dizendo que a educação tradicional tinha como uma de suas fraquezas o fato de querer comparar a imaturidade da criança à maturidade do adulto. Porém, a nova educação incorria no erro quando pretendia “considerar as forças e interesses presentes na criança como coisa de significação definitiva.” (DEWEY, 1959c, p. 63) Pelo exposto, é possível inferir que os interesses da criança devem ser vistos e analisados como impulsos de uma capacidade, de uma potencialidade.

Dewey diz que o educando deve manter uma atitude de busca e uma disposição constante para aprender. Deve ter o espírito aberto a novas possibilidades, novas observações, novos entendimentos. Muitas vezes, o aluno está em sala de aula, mas com o pensamento lá fora. Essa atitude, é óbvio, dificulta qualquer aprendizagem. O aluno deve também trazer consigo muito de responsabilidade, pois “ser intelectualmente responsável é examinar as conseqüências de um passo projetado” (DEWEY, 1959a, p. 40). Portanto, se faz necessário aprender a pensar. Porém, pensar é sempre pensar por si mesmo, é investigar. No campo da filosofia, “o verdadeiro método de aprendizagem identifica-se, efetivamente, com o método geral da investigação” (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1980, p. 823).

Concluindo este ensaio, salientamos que as principais contribuições de Dewey para a pedagogia moderna são: desmistificar a idéia de que existe uma dissociação entre a escola e a vida, fato que na realidade do aluno não existe; mostrar que o bom ensino deve estimular a iniciativa, promovendo condições para a produção e exploração do interesse; identificar que o problema em matéria de educação escolar é fornecer ambiente no qual as atividades educativas possam se desenvolver, ou seja, que a escola deve propiciar um ambiente de oportunidades, sem o qual torna-se muito difícil entender e apreender o interesse latente do aluno.

As principais obras de Dewey são: *Meu Credo Pedagógico* (1897), *Escola e Sociedade* (1899), *Como Pensamos* (1910), *Democracia e Educação* (1916), *Experiência e Natureza* (1925) e *A Busca da Certeza* (1930).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. John Dewey e a ‘escola progressiva’ americana. In: _____. *História da Pedagogia*. Vol. IV. Lisboa: Livros Horizon-

tes, 1981, p. 813-827.

AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. *Dewey: filosofia e experiência democrática*. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1990.

DEWEY, John. *Como Pensamos*. Tradução Haidee de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949a.

_____. *Democracia e Educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional (1959b).

_____. *La escuela y el niño*. Madrid: Espasa-Calpes, 1934.

_____. My Pedagogic Creed. In: DEWEY, John. *Education Today*. Edited and with a foreword by Joseph Ratner. New York, G. P.: Putnam's Sons, 1940.

_____. *Vida e Educação*. Tradução e estudo preliminar de Anísio Teixeira, 5. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959c.

_____. *Experiência e Educação*. 3. ed. Tradução de Anísio Teixeira, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.